

Lu Xun traduzido em Portugal: um panorama a partir de 1944

Lu Xun translated in Portugal: an overview from 1944

Charles Chon Neng Cheung

CECC, Universidade Católica Portuguesa
s-ccheung@ucp.pt
ORCID: 0009-0004-6748-3382

RESUMO

O presente trabalho visa estudar a história da tradução portuguesa de Lu Xun: quem traduziu o quê, quando e porquê? A maioria dos estudos lidos indicam que existem poucas traduções e que todas foram publicadas depois de 1976. Porém, esses mesmos estudos não aprofundam suficientemente os fenómenos tradutórios relativos a este autor. Para construir um panorama, o presente estudo compila um catálogo de Lu Xun traduzido em Portugal através da leitura de estudos anteriores e consulta de catálogos existentes; depois, analisa os paratextos das traduções. O catálogo compilado (nos apêndices I e II) mostra 11 volumes com contos, ensaios e poemas de Lu Xun, publicados entre 1944 e 2014. Os resultados indicam que a razão intemporal de traduzir Lu Xun é o valor literário; contudo, entre 1958 e 1976, a ideologia estimula as traduções. Ademais, são sugeridas várias direções para futuras investigações à volta de Lu Xun em Portugal.

PALAVRAS-CHAVE

Lu Xun, literatura chinesa, Portugal, história da tradução, ideologia.

ABSTRACT

This paper aims to study the Portuguese translation history of Lu Xun: who translated what, when and why? Most of the studies read indicate few translations exist and they were all published after 1976. However, these same studies do not go into sufficient detail about the translation phenomena relating to this author. In order to build up an overview, this study compiles a catalogue of Lu Xun translated in Portugal by reading previous studies and consulting existing catalogues; it then analyses the paratexts of the translations. The compiled catalogue (in Appendices I and II) shows 11 volumes of Lu Xun's short stories, essays and poems, published between 1944 and 2014. The results indicate that the timeless reason for translating Lu Xun is literary value; however, between 1958 and 1976, ideology stimulated the translations. In addition, several directions are suggested for future research into Lu Xun in Portugal.

KEYWORDS

Lu Xun, Chinese literature, Portugal, translation history, ideology.

Introdução¹

A relevância de Lu Xun (1881-1936) está presente em várias áreas. Yao (2021, p. 208) afirma que Lu Xun é “um nome incontornável da literatura moderna chinesa”. Segundo Zhou (2021, 187), o escritor é “imprescindível” para os estudos da “raiz” e “metamorfoses modernas” da cultura chinesa. Mao Tsé-Tung (1893-1976), no discurso 《論魯迅》 “Sobre Lu Xun” (1937), canoniza o escritor como “grande literato”, “bolchevique fora do partido” e “o Santo da China moderna” (Mao, 2001, pp. 42-43).² Estas três citações, além de mais, manifestam os valores diversos que se podem extrair de Lu Xun: literário, cultural e ideológico.

Lefevere argumenta que “on every level of the translation process, it can be shown that, if linguistic considerations enter into conflict with considerations of an ideological and/or poetological nature, the latter tend to win out.” (Lefevere, 1992/2017, p. 30). Isto aponta o facto de a ideologia impor limitações no processo de tradução, inclusive a seleção. Ao estudar a receção de Lu Xun em França, Gao (2014, p. 51) sugere que as traduções francesas das obras do autor chinês nos anos 70 poderão ter sido motivadas pela Revolução Cultural Chinesa e pelo movimento maoista.

Em Portugal, não se encontra nenhum estudo especializado em traduções portuguesas de Lu Xun, não obstante ser um escritor com valências. Neste contexto, Zhou (2021, p. 198) convoca o estudo, a tradução e a apreciação desse autor “gigante” na literatura e cultura chinesas. Em prol desta iniciativa, proponho estudar a história da tradução portuguesa de Lu Xun.

A área da história da tradução elenca uma série de perguntas canónicas: “quem traduziu o quê, onde, quando, como, porquê, por quem e com que efeito?” (Kittel, 1988, p. 160; Pym, 1988, p. 160; Burke, 2007, p. 11; D’hulst, 2014, pp. 28-41; todos citados em Hermans, 2022, p. 31). Enquadrado nesta área, o presente estudo, na primeira secção, compilará um catálogo de Lu Xun traduzido em Portugal para fornecer dados sobre essas traduções. Com o objetivo de traduzir os dados para uma história, a segunda secção, limitada pelo espaço, debruçar-se-á sobre quatro das oito questões acima referidas: quem traduziu o quê, quando e porquê?

¹ Gostaria de mostrar a minha maior gratidão pela leitura crítica e pelos comentários da Prof.^a Doutora Rita Bueno Maia e agradecer à mestranda Marta Refoyos Figueiredo pela revisão linguística em português. Estou também grato pelos pareceres dos dois revisores/duas revisoras anónimos/as, cujas sugestões acrescentaram valor ao presente trabalho.

² Neste artigo, as citações de textos chineses são todas traduções minhas.

1. Catálogo de Lu Xun traduzido em Portugal

Por “catálogo”, entende-se neste trabalho “lists of translations within a specified field for which the ideal is to have data on *all* the translations” (Pym, 1998/2014, p. 42; *itálico no original*). Porém, a completude de um catálogo de tradução em Portugal é pouco possível, visto que a pesquisa na história da tradução portuguesa é dificultada por várias inconveniências, como resumidas por Lopes: “(i) documentos desapareceram e faltam datas, (ii) o acesso aos textos é difícil e/ou demorado, (iii) a reprodução, por vezes, impossível, sendo que (iv) biografar a invisibilidade é meta virtualmente impossível.” (Lopes, 2010, p. 7).

Tendo em conta a impossibilidade da recuperação completa das traduções esquecidas na história, considero importante detalhar a metodologia da compilação, visto que uma articulação transparente facilita a identificação da potencial insuficiência. Ademais, será necessário indicar as possíveis lacunas do catálogo para que, como diz Pym, “users of the catalogue will at least be aware of the areas in which any extracted corpora are likely to be weighted on one side more than the other.” (Pym, 1998/2014, p. 48).

Importa salientar a relevância do catálogo. Os dados listados nele são puramente informações bibliográficas, como ano de publicação, tradutor e editora. Esses dados constituem uma base essencial para a elaboração de uma narrativa histórica. Além disso, os dados reunidos podem evitar uma argumentação apoiada somente por alguns casos extremos, como aponta Pym: “argument-by-example risks becomes an exercise in self-verification.” (Pym, 1998/2014, p. 39).

Em seguida, serão realizados quatro trabalhos: leitura de estudos pertinentes, consulta a catálogos bibliográficos, compilação do catálogo e reflexão sobre potenciais lacunas.

1.1. Leitura de estudos anteriores

Zhou afirma que “[a]lguns contos mais influentes de Lu Xun, inclusive o fundamental «Diário de um Louco» [...] foram introduzidos ao público português em 1976, através da tradução (de francês para português) de Maria da Graça Morais Sarmiento” (2021, p. 188). Depois, Zhou apresenta as *Ervas silvestres* (1998) e uma antologia com dois poemas de Lu Xun, *Quinhentos poemas chineses* (2014). As duas traduções de poemas são extraídas das *Ervas silvestres* e, do meu conheci-

mento, de *Uma antologia de poesia chinesa* (2010), respetivamente.³ Por fim, Zhou declara: “Como podemos ver, em Portugal, a tradução da obra de Lu Xun ainda se encontra bastante escassa e precisa de ser actualizada.” (Zhou, 2021, p. 189).

Na 《中外文学交流史：中国-葡萄牙卷》 História de intercâmbios literários entre a China e países estrangeiros: volume da China e de Portugal (2015), nomeadamente no capítulo intitulado “Literatura chinesa em Portugal”, Yao afirma: “Em Portugal, até à data [2015], a maioria das obras da literatura chinesa traduzidas para português é poemas, enquanto não são muitas as ficções, cuja maioria é traduzida a partir de uma terceira língua [...]” (Yao, 2015, p. 167). Desta forma, apresenta, entre as traduções de Lu Xun, apenas a colectânea de poemas *Ervas silvestres*.

Na tese de Cheng sobre a tradução indireta das obras de Mo Yan, a investigadora compila um catálogo das “Traduções Portuguesas da Literatura Chinesa (feitas a partir da década de 50 do século XX)”, com doze autores e vinte traduções (Cheng, 2020, pp. 57-58). Três das obras de Lu Xun são listadas, incluindo as duas traduções acima mencionadas e mais uma, *Ah Q: tragédia chinesa baseada em Lu Sun* (1976; 1978) (Cheng, 2020, p. 57).

Para o tema da literatura chinesa, Seruya (2018, pp. 166-171) contribui uma pequena secção sobre “antologias de contos chineses” no Estado Novo. Essa secção indica a existência de outras duas traduções de Lu Xun: *Contos chineses* (s.d.) e *Contos populares chineses* (6.ª série) (1974).

Resumindo a leitura desses quatro estudos, algumas traduções de Lu Xun estão presentes em alguns estudos mas ausentes noutros. Como os primeiros três estudos não mostram a metodologia da compilação das traduções, e o quarto estudo – baseado na base de dados *Intercultural Literature in Portugal (1930-2000): A Critical Bibliography*, que apresentarei em seguida – limita-se a antologias de contos, é provável que ainda existam mais traduções de Lu Xun não conhecidas.⁴

³ Curiosamente, *Uma antologia de poesia chinesa* foi publicada duas vezes, uma em 1989 e outra em 2010. Esta mais recente é uma grande expansão em relação à primeira. A versão antiga tem 142 páginas e abrange o período entre cerca de 1000 a.C. e o século XVII, enquanto a de 2010 tem 438 páginas e inclui o período entre o segundo milénio antes da era comum e o século XX. As épocas já indicam que Lu Xun, nascido em 1881, só pode constar na versão recente.

⁴ É de referir que os estudos lidos não mencionam muitas traduções antes de 1976. A minha dissertação em curso sobre a literatura chinesa no Estado Novo pretende contribuir para colmatar essa lacuna.

1.2. Em busca das traduções perdidas

A fonte bibliográfica principal é a base de dados, *Intercultural Literature in Portugal (1930-2000): A Critical Bibliography* (doravante abreviada como “ILP”). Este projeto, iniciado em 2008 pelo Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica Portuguesa (CECC) e pelo Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (CEAUL/ULICES), “pretende-se que constitua uma bibliografia crítica da literatura traduzida para português a partir de qualquer língua estrangeira, e publicada em forma de livro, em Portugal, entre 1930 e 2000” (CECC e CEAUL/ULICES, 2010).

A base tem uma função de “Consultar”, que permite que o utilizador encontre as traduções conforme critérios pretendidos. Uma vez que o nome “Lu Xun” tem várias transliterações no passado, não se encontra uma lista completa por uma pesquisa simples pelo nome. Após algumas experimentações em várias funções, proponho pesquisar pelo país “CHN”, que dá resultados mais completos. Esta consulta oferece uma lista de 38 volumes publicados entre 1942 e 1995. Nela encontram-se o *Divórcio* (1958), *A verdadeira história de Ah Q* (1960) e algumas obras acima referidas de Lu Xun.

A ILP tem como objetivo a literatura, enquanto Lu Xun, escritor prolífico, publicou também críticas literárias, crónicas, ensaios, etc. Por isso, é necessário expandir a pesquisa. O método adotado será a consulta de catálogos bibliográficos já disponíveis. O ideal é incluir todos os catálogos das bibliotecas portuguesas; todavia, não se encontra uma única fonte que possibilite esta tarefa. Deste modo, foram selecionados nove catálogos a nível nacional, regional ou universitário para a pesquisa (ver apêndice III).⁵ Na consulta, são utilizados o apelido “Lu” e “Lou” para a procura com o nome do autor, uma vez que “Lu” se manifesta comum nas traduções acima referidas e “Lou” é utilizado em algumas traduções francesas. A busca resulta em mais duas traduções: *Contistas da China popular* (1972) e *A filosofia e a arte ao serviço da revolução* (1975). Assim, temos 12 volumes na lista provisória.

⁵ O apêndice III lista nove catálogos consultados, as obras elegíveis e os *links* para os catálogos.

1.3. Levantamento dos dados

Quais são os dados necessários para serem incluídos no catálogo? A ILP lista, para cada volume, uma parte do texto de partida e outra do texto de chegada. Entre as informações do texto de partida, serão incluídas: o título original e informação sobre textos intermediários; excluir-se-ão outras, como a data de publicação, a editora e o nome do autor (Lu Xun). Esta escolha resulta sobretudo de duas considerações: primeiro, o espaço do catálogo é limitado; segundo, como nenhuma tradução portuguesa é apresentada como tradução direta e os textos chineses não são os textos de partida e, assim, os seus dados peritextuais são relativamente menos importantes. Na ILP, os dados do texto de chegada são subdivididos em “ano”, “título”, “tradutor”, “pseudónimo de [tradutor]”, “local”, “editora”, “coleção”, “designação”⁶, “língua de mediação” e “modo”. Estas divisões serão adaptadas para o propósito do presente catálogo. Para economizar espaço do catálogo, serão colocadas nas “observações” as informações referentes às categorias de “pseudónimo de [tradutor]”, “designação” (se não for “tradução”), “língua de mediação” e “modo” (se não for “ficção”). Adicionam-se três categorias: “autor”, “consulta” e “seleção”. “Autor”, enquanto uma categoria no texto de chegada, serve para mostrar as variações de transliteração de Lu Xun, que poderão servir para encontrar qual versão estrangeira intermédia foi utilizada para a tradução portuguesa. “Consulta” mostra o local de consulta e a respetiva cota do volume para que os utilizadores possam encontrar as mesmas obras e/ou replicar o corrente trabalho. A adição de “seleção” visa mostrar quais obras de Lu Xun estão incluídas em cada coletânea. Limitados pelo espaço, os dados serão apresentados em dois quadros (ver os apêndices I e II).

Será necessário esclarecer a categoria de “ano”. Quando possível, as datas são as mais antigas que constam da tradução, seja a data de publicação, seja a de impressão. Se for a segunda, o dado é marcado pela abreviatura “[imp.]” no final. Todavia, alguns volumes não mostram nenhuma data. Neste caso, seguidos os procedimentos da ILP, é adotado o ano indicado na Base Nacional de Dados Bibliográficos (PORBASE), como é o caso dos *Contos chineses*, cujo ano é anotado com “[Pb]”. Se um volume não tem dados na PORBASE, então é adotado o ano

⁶ A “designação” refere-se à questão de se a obra é apresentada como tradução, adaptação ou outras formas.

na ILP. Por exemplo, na categoria de ano d'*A verdadeira história de Ah Q*, é anotado com “[ILP]”.⁷

Por fim, é preciso explicar a inclusão de *Ah Q: tragédia chinesa baseada em Lu Sun* (1976) e a exclusão de *Ah Kiu: tragédia chinesa baseada em Lu Sun* (1978). A primeira versão é apresentada como tradução portuguesa da obra francesa *Ah Q (Ah Kiou): tragédie chinoise d'après Lou Sin* (1975), de Bernard Chartreux (1942-) e Jean Jourdheuil (1944-). A versão portuguesa, na página de direitos autorais, indica que “Ah Q foi estreado em Portugal em 5/3/76 pelo Teatro da Cornucópia [...]”. Isto prova que é uma versão adaptada para o teatro. A adaptação, de acordo com a definição de Sanders (2006, p. 26), continua a contar a mesma história do texto de partida, não obstante das distinções em termos de conteúdo, modo e outros elementos. Neste sentido, a adaptação é incluída na definição operativa da “tradução” para o presente catálogo: “[T]o say the same thing in another way.” (Ricœur, 2006, p. 25). Como as versões francesa e portuguesa se apresentam como a história do protagonista “Ah Q”, também devem ser consideradas como tradução. Em relação a *Ah Kiu* (1978), embora incluído no referido catálogo de Cheng (2020, p. 57), não se apresenta como tradução, mas como “textos de apoio” na capa. O seu conteúdo é sobretudo uma apresentação da cultura chinesa revelada na história. Como não indica nenhum texto de partida de Lu Xun, é excluído no catálogo do presente trabalho.

1.4. Reflexão sobre potenciais limitações

Embora o catálogo deseje ser exaustivo, a consulta não chega a todos os catálogos bibliográficos disponíveis nas bibliotecas portuguesas, nem está incluído nenhum catálogo editorial em que os livreiros registem as publicações. Na verdade, a vontade de exaustividade absoluta é utópica devido às dificuldades acima referidas sobre fazer história da tradução. Além disso, “[...] they [listas] inevitably depend on previous lists of one kind or another [...]” (Pym, 1998/2014, p. 41). No presente estudo, são notados potenciais lapsos em vários catálogos consulta-

⁷ Importa salientar que, no presente trabalho, também tento encontrar as datas destas duas obras através da consulta das datas das obras anteriores e das que lhes seguem na mesma coleção. As datas deduzidas não diferem das mostradas na PORBASE e na ILP. Em relação a *A verdadeira história de Ah Q*, convém acrescentar que a obra deve ter sido publicada entre 1955 e 1967, uma vez que o ano de 1955 é a data de publicação do seu texto de partida, a versão italiana, enquanto 1967 é a data de publicação de *Mao Tun*, cujo prefácio indica que *A verdadeira história de Ah Q* fora lançada antes dela (Seabra, 1967a, p. 7).

dos. Por exemplo, a ILP indica que *A verdadeira história de Ah Q* é uma tradução a partir da versão francesa, *Lou Sin. La véritable histoire de Ah Q* (1953), mas o livro apresenta-se como uma tradução da versão italiana. Será que existe mesmo uma tradução feita a partir da versão francesa? Isto permanece uma dúvida porque não encontro esse volume que mostra o texto de mediação como *La véritable histoire de Ah Q*. Ademais, há divergências na categoria de "Ano" entre diferentes trabalhos. Os dados finais estão em conformidade com as informações impressas nos livros consultados. Por exemplo, quanto aos *Contos populares chineses (6.ª série)*, a ILP aponta o ano 1974, enquanto a PORBASE, 1975. Decidi colocar 1975, data da impressão da versão mais antiga entre as únicas duas versões encontradas, uma na BNP e outra na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tendo em consideração esta reflexão, podemos pensar que o catálogo apresentado se configura como um trabalho contínuo e aberto a novos dados.⁸

2. De dados para uma história: interpretação do catálogo

O catálogo nos apêndices I e II já fornecem respostas diretas e gerais a algumas perguntas iniciais; por exemplo, já sabemos quais textos foram traduzidos, os anos de publicações, os nomes dos tradutores. Porém, estas informações não tecem automaticamente uma história. Para as transformar em conhecimento, é necessário refinar as perguntas. As questões desenhadas em seguida pretendem ser progressivas, no sentido que as primeiras três (quando, o quê e quem) constituem uma base para a final (porquê).

Além dos dados mostrados no catálogo, teremos de utilizar outros paratextos dos volumes. Por "paratextos", este trabalho inclui elementos internos e externos dos volumes, nos termos de Genette (1987, pp. 10-11), peritextos e epitextos. Os epitextos não se limitam às informações diretamente relacionadas com os participantes na tradução, como entrevistas de tradutores, mas também incluem o contexto, tal como afirma Genette: "[I] nous faut au moins retenir en principe que tout contexte fait paratexte." (ibid., p. 13). Por outro lado, os peri-

⁸ Na fase final de revisão deste trabalho, conheci a existência de *Seleção de ensaios de Lu Xun* (2016) e *Estúdio dos três sabores – coleções dos ensaios de Lu Xun traduzidos em português (versão revista)* (2019), traduzidos por Han Lili, publicados pelo Instituto Politécnico de Macau. Porém, os dois volumes não parecem estar disponíveis em Portugal. Como estou em Portugal, não posso consultá-los nem adicionar nenhuma argumentação sobre eles. É de referir que no catálogo da Biblioteca Pública de Macau apenas se encontra o segundo volume, enquanto onde se consulta o primeiro ainda permanece uma dúvida.

textos podem-nos guiar para os epitextos; por exemplo, veremos que quatro obras foram publicadas entre 1944 e 1972, o que nos levará para a ponderação do contexto do Estado Novo. Seguindo esta lógica, a seguinte argumentação começa por descrever os peritextos e, depois, avança para a análise dos epitextos, nomeadamente o contexto.

2.1. Quando? Contextos históricos e tradução

Em que contextos históricos são publicadas estas traduções? Quais relações se manifestam entre ambos? A presença de Lu Xun em português europeu começa em 1944, por *Contos chineses*, enquanto a publicação mais recente incluída no catálogo é em 2014, *Quinhentos poemas chineses*. Proponho dividir esta distância de 70 anos em três diferentes épocas. Quatro traduções são publicadas durante o Estado Novo (1933-1974); outras quatro na Construção da Democracia (1974-76) e no final da Revolução Cultural Chinesa (1966-76); O resto na corrente era da globalização.

No Estado Novo foram publicadas quatro traduções de literatura chinesa, o que constitui um facto interessante, sem precisar de mencionar que incluem obras de Lu Xun, um autor satírico em relação a problemas sociopolíticos. A censura salazarista teve início nos anos 30, em que começou a elaboração da sua legislação fundamental, com o objetivo de proteger a ordem social norteadada pelo regime (Seruya, 2018, p. 98). Não existiu censura prévia para os livros, que poderiam ser submetidos aos censores por três meios: a visita da PIDE a livrarias, a examinação dos pacotes pelos funcionários no correio ou na alfândega e a apresentação espontânea dos editores ou autores (Seruya, 2018, p. 98). Embora os critérios da censura variem entre fases diferentes do Estado Novo (antes e depois da Primavera Marcelista entre 1968 e 1970, por exemplo), podemos afirmar que, em princípio, quaisquer ideias consideradas marxistas deveriam ter sido proibidas por pertencer a uma ideologia desfavorável ao regime. Neste contexto, os primeiros três volumes incluídos no catálogo não indicam nenhuma informação direta sobre a posição política de Lu Xun, imposta por Mao ou não. Porém, a apresentação do autor nos *Contistas da China popular*, publicados após a Primavera Marcelista, sublinha a viragem de Lu Xun para o marxismo: “[Q]uando se virou para o marxismo, nos últimos anos de vida, foi após décadas de aturada meditação e estudo.” (Jenner, 1972b, p. 23). O catálogo online da Rede das Bibliotecas de Lisboa mostra que

o livro se identifica como “livros proibidos”.⁹ Em suma, podemos considerar que a apresentação de Lu Xun nesta época pareceu moderada quanto à ideologia.

Entre 1975 e 1976 foram publicados quatro volumes de Lu Xun, um aumento em relação ao período anterior. Em Portugal, eis uma transição da ditadura para a democracia, uma instabilidade política mas uma sociedade liberta. Noutra ponta da placa Euroasiática, a China encontrava-se no final da Revolução Cultural, em que Lu Xun foi considerado o espírito revolucionário devido à utilização do escritor pelo presidente Mao. Neste contexto, parecia que Lu Xun entrou no campo de visão dos simpatizantes europeus de esquerda através da divulgação mundial do maoísmo. Também foi nos anos 70, por exemplo, que a sinóloga francesa, Michelle Loi (1926-2002), uma “militante maoista” na altura, começou a dedicar-se ao estudo de Lu Xun (Gao, 2014, pp. 59-60). Dois ensaios de Loi sobre Lu Xun estão incluídos num volume do nosso catálogo, *A filosofia e a arte ao serviço da revolução*. Ao estudar a recepção de Lu Xun na Europa e na América, Eber (1985, pp. 243-244) conclui três “implicações políticas” na recepção de Lu Xun no Ocidente: os eventos políticos internacionais, a institucionalização dos estudos chineses e o esforço dos chineses competentes nas línguas europeias. O aumento da tradução de Lu Xun nos anos 70, o interesse de maoístas europeus por Lu Xun e os elementos políticos referidos por Eber parecem indiciar um fenómeno em que a divulgação mundial de Lu Xun nos anos 70 se relaciona com as ondas maoístas no mundo ocidental¹⁰. Para resumir, o início do pós-25 de abril e a Revolução Cultural Chinesa constituíram alguns estímulos para a tradução portuguesa de Lu Xun nos anos 70.

As traduções nos primeiros dois períodos já se manifestam como produtos globais, no sentido em que as letras transportam as ideias na viagem da China para Portugal, com o intermédio de outros países, e que os eventos nacionais na China podem ter motivado as traduções portuguesas. Todavia, são os últimos três volumes que se caracterizam mais pela globalização devido aos tradutores

⁹ O livro está na Biblioteca São Lázaro, com a cota de “82-34/CON”. Importa mencionar que, no índice dos relatórios de censura, não se encontra nenhum relatório de censura a este livro. Conforme diz Seruya (2018, p. 101), existe um total de 10 111 relatórios, enquanto cerca de 2265 deles desapareceram. Assim, convém especular que *Contista da China popular* podia ter sido censurado e proibido mas o seu relatório desapareceu.

¹⁰ Para esclarecer a potencial relação da disseminação global entre Lu Xun e Mao, é preciso fazer um estudo especializado na divulgação mundial do maoísmo. Um trabalho meu em curso pretende estudar a recepção do maoísmo em Portugal nos anos 60 e 70. Um resultado preliminar indica que foram produzidas cerca de 60 traduções portuguesas de Mao nesses anos.

migrantes. A globalização é definida por Giddens como “the intensification of worldwide social relations which link distant localities in such a way that local happenings are shaped by events occurring many miles away and vice versa.” (Giddens, 1990, p. 64). Neste contexto global, o crescente número de migrantes constitui uma característica marcante. Os tradutores dos últimos três textos de chegada, cujos perfis serão melhor apresentados na questão de “quem”, são todos migrantes entre Portugal e a China. Por outro lado, não obstante um maior número de migrantes e uma relação mais estreita entre os dois países, parece que os intercâmbios sino-lusófonos ainda não se traduziram num grande estímulo na tradução de literatura chinesa. Para resumir esta época, embora haja mais recursos e talentos para traduzir Lu Xun, observamos uma diminuição do interesse neste autor.

2.2 O quê? Mudanças nas seleções

Acima é elaborado um esboço para tentar melhor compreender as traduções em relação a diferentes tempos históricos entre 1944 e 2014. Com base nesta categorização, proponho colocar duas questões. Que mudanças se manifestam (ou não) nas seleções em diferentes épocas? Como podemos compreender estes fenómenos?

Todos os volumes são coletâneas ou antologias que incluem, somente ou não, as obras de Lu Xun. Durante o Estado Novo, só são selecionados alguns contos entre 《故事新編》 Contos recontados (1936), 《呐喊》 Clamar (1923) e 《彷徨》 Hesitação (1926). No segundo período, os contos continuam a ser dominantes, mas aparecem um ensaio e um artigo, da 《二心集》 Coletânea de dois corações (1936) e de 《墳》 A tumba (1927), respetivamente. Além disso, também surge uma adaptação teatral. Na era de globalização, todos os textos poéticos de 《野草》 *Ervas silvestres* (1927) são traduzidos. O mesmo poema sem título é incluído em dois volumes, *Uma antologia de poesia chinesa* (2010) e *Quinhentos poemas chineses* (2014). Em comparação, neste período mais recente, só há dois contos traduzidos.

Os géneros literários mais traduzidos parecem mudar de uma forma regular: de contos para textos poéticos. Sugiro duas observações que podem melhorar a nossa compreensão desta mudança. A primeira observação tem que ver com a fraca literacia do povo português nos primeiros dois períodos históricos. De acordo com a “Taxa de analfabetismo segundo os Censos: total e por sexo” (2023), nos

anos 60, 70, 80 e 90, as taxas de analfabetismo do povo português eram cerca de 33,1%, 25,7%, 18,6% e 11%, respetivamente; para ter um ponto contrastivo de referência, a de Espanha é menos de 14% em 1950 (Silva, 1992, p. 101). As altas taxas de analfabetismo antes dos anos 90 terão sido uma das razões pelas quais são selecionados os contos para a tradução. Segundamente, justapõem-se os temas das obras e os períodos. Durante o Estado Novo e a Construção de Democracia, a sociedade portuguesa precisava de forças de resistência proletária, que podem ser interpretadas nos contos de Lu Xun. Isto pode ter estimulado as escolhas dos contos. Conforme a teoria dos polissistemas de Even-Zohar, a tradução literária configura-se como uma ação de pedir emprestado um elemento de que a literatura de chegada necessita: “[A] literature lacking the necessary items [...] will readily borrow, if nothing interferes, the wanted item.” (Even-Zohar, 1979, pp. 302-303). Resumindo as duas observações propostas, pretende-se sugerir que a tradução de Lu Xun nos primeiros dois períodos – antes dos anos 80 – podiam relacionar-se com a vontade de divulgação da literatura revolucionária entre o povo português ainda pouco instruído¹¹.

Além disso, a renovação das escolhas tradutórias serão observadas através da retradução. Por retradução, entende-se aqui como o produto de tradução cujo texto de partida já tinha uma tradução nessa língua de chegada. No quadro I, encontram-se dez contos e um prefácio com retradução. Talvez se admire que o conto mais retraduzido seja 《故鄉》“Terra natal”, com quatro versões, em vez dos dois contos mais conhecidos 《阿Q正傳》“A verdadeira história de Ah Q” e 《狂人日記》“Diário de um louco”, cada um destes com três publicações. Outro dado surpreendente é as três publicações de 《鑄劍》“Forjando as espadas”, um conto relativamente menos conhecido em comparação com os três anteriores. Estes números podem sugerir relações entre a tradução inicial e as retraduições, por exemplo, uma relação de progresso na hipótese de retradução de Berman (1990). Para Berman, as traduções são incompletas e “c’est seulement aux retraductions qu’il incombe d’atteindre – de temps en temps – l’accompli” (Berman, 1990, p. 1), visto que “toute action humaine, pour s’accomplir, a besoin de la répétition” (Berman, 1990, p. 4). Tal hipótese será negada pelas retraduições portuguesas de Lu

¹¹ Nos futuros trabalhos será possível examinar as traduções existentes nas línguas intermediárias mais utilizadas por tradutores portugueses, como inglês, espanhol e francês, para ver se também há mais contos traduzidos antes dos anos 80. Isto pode ajudar-nos a compreendermos se o número mais alto de contos resulta das preferências nas culturas intermediárias, em vez de na cultura portuguesa.

Xun.¹² Nestas obras, exceto em *Ah Q: tragédia chinesa baseada em Lu Sun*,¹³ não se encontra nenhuma menção das traduções anteriores a elas.

Quadro I – Obras retraduzidas

Título	Vez	Ano		
		1.ª época	2.ª época	3.ª época
故鄉 Terra natal	4	1958; 1960; 1972	1976	
阿Q正傳 A verdadeira história de Ah Q	3	1960	1976	1998
狂人日記 Diário de um louco	3	1960	1976	1998
鑄劍 Forjando as espadas	3	1960	1975; 1976	
補天 Remendando o céu	2	1944	1975	
離婚 O divórcio	2	1958	1976	
明天 Amanhã	2	1958	1976	
傷逝 Em luto	2	1958	1976	
藥 Remédio	2	1958	1976	
孤獨者 Uma pessoa só	2	1958	1976	
呐喊自序 O prefácio do autor no <i>Clamar</i>	2	1960	1976	

Em vez de progresso, as retraduições mostram uma grande diversidade de tradução. Por exemplo, o título de “Terra natal” no *Divórcio* (1958) é retraduzido para “Velha casa” n’*A verdadeira história de Ah Q* (1960), “A minha antiga casa” nos *Contistas da China popular* (1972), “O meu velho lugar” n’*O diário de um louco* (1976). O conto chinês é principalmente sobre o desespero causado pela desconexão ideológica entre o “eu” – intelectual e cidadão – e os seus antigos compatriotas aldeões, refletindo uma incompreensão inconciliável nos anos 10 e 20 entre a “nova China” (que recebe conhecimentos estrangeiros) e a “antiga” (que insiste nos valores e ideias tradicionais). À luz desta leitura, podemos dizer que, entre os quatro títulos portugueses, existem sobretudo três diferenças que influenciam a afetividade entre o intelectual e a aldeia em que ele nasceu. Primeiro, o substantivo “terra” mostra uma relação mais íntima do que a palavra “casa”, enquanto o

¹² Curiosamente, Lu Xun também considerava a retraduição como um progresso, afirmando no ensaio 《非有復譯不可》 “A necessidade absoluta de retraduição” (1935): “Deve-se adotar as vantagens das traduções anteriores e adicionar as próprias ideias. É isto que nos leva a produzir uma tradução quase perfeita.” (Lu, 2005, pp. 284-285).

¹³ Em *Ah Q: tragédia chinesa baseada em Lu Sun*, a parte de “sobre o autor” aponta as existências de *A verdadeira história de Ah Q* (1960) e *O diário de um louco* (1976).

vocábulo “lugar” é uma descrição neutra que até constrói uma distância entre a pessoa e o espaço supostamente afetivo. Segundo, o adjetivo “natal” indica uma relação de origem afetiva, “antiga” manifesta uma ligação outrora íntima que já não existe e “velho/a” oferece uma noção ambígua de nostalgia ou obsolescência sobre o sítio descrito. Terceiro, as adições tradutórias de pronomes possessivos da primeira pessoa, “a minha” e “o meu”, reforçam a relação entre o espaço e a pessoa. Esta curta análise tende a mostrar, acima de tudo, a variedade de tradução, resultada das leituras diferentes deste conto.

Ademais, todas estas obras no quadro I têm publicações em diferentes períodos entre as três épocas distinguidas. Estes dados indicam que os volumes constituem materiais produtivos para uma abordagem pelas características e mudanças históricas manifestadas nas traduções.

2.3 Quem? Apresentações dos tradutores

Temos uma lista dos nomes de tradutores no catálogo. Porém, quem são realmente essas pessoas de carne e osso que traduziram Lu Xun para português europeu? Qual é a sua experiência com a tradução da cultura chinesa? Alguns dos tradutores são facilmente identificados, outros nem tanto. Em seguida, os tradutores serão apresentados por ordem cronológica do catálogo.

No prefácio dos *Contos chineses* (1944), a tradutora, Silvina de Troya Gomes (?-?), tenta apresentar um microcosmo da literatura chinesa, de Confúcio (551-479 a.C.) até a Hu Shih (1891-1962)¹⁴, falando também sobre a filosofia, teatro e história da China. Como aponta Seruya (2018, 167), Gomes presta uma atenção particular a poetisas chinesas.¹⁵ Declara, no final do prefácio, que continua a considerar a China como a de Marco Polo (1254-1324) e de Fernão Mendes Pinto (1509-1583). A dedicatória do livro é dada a Lou Che Ngan (cujo nome chinês talvez seja 羅世安), primeiro secretário da Legação da China em Portugal, que ajudou a elaboração do volume. A tradutora também publica uma antologia, *Contos tradicionais asiáticos* (1945), em que constam dois contos chineses traduzidos a partir de

¹⁴ Hu Shih foi um intelectual conhecido que sobressaiu no Movimento Quatro de Maio devido ao seu texto seminal: 《文學改良芻議》 “Humilde opinião sobre a reforma da literatura” (1917). Neste artigo, Hu propõe sobretudo a substituição do chinês clássico pelo vernacular no sistema de escrita.

¹⁵ Gomes menciona em particular quatro poetisas, que ainda não consigo identificar: “[A] imperatriz Sié-Ling-Yung (730-753), a favorita Pan-Tié-Tsu (621-648), a bailarina We-Hao (628?), a bailarina Li-Yi-Han (806-832) [...]” (Gomes, 1944a, p. 10).

uma coletânea não identificada de 初大告 Ch'u Ta-ko (1898-1987) (Gomes, 1945, p. 124), e uma tradução da biografia de Chiang Kai-shek (1887-1975), *O marechal Chiang Kai Shek: sua infância e mocidade* (1944), que também contém um ensaio intitulado "O espírito chinês perante o problema das raças".

O tradutor de *Divórcio* (1958) Manuel de Seabra (1932-2017) era escritor, jornalista e, conforme afirma Neves (2017), tradutor "emérito" que dominava o castelhano, francês, catalão, russo, chinês e esperanto. Seabra também traduziu uma seleção das obras de Mao Dun (1896-1981), intitulada *Mao Tun* (1967), e uma antologia de Mao Tsé-Tung, *Poemas de Mao Tse-tung* (1972/1974). O tradutor declara que traduziu *Mao Tun* a partir da versão chinesa, 《茅盾選集》 *Obras selecionadas de Mao Dun* (1963), com o auxílio da versão inglesa, *Spring Silkworms and Other Stories* (1963) de Sidney Schapiro, enquanto o texto chinês "foi sempre decisivo em todas as divergências entre os dois textos" (Seabra, 1967b, p. 276). *Poemas de Mao Tse-tung* até é apresentado como "tradução directa do chinês" (Seabra, 1972, folha de rosto). Numa entrevista, Seabra falou da carreira enquanto tradutor de literatura russa:

Numa altura, a editora Futura precisava de tradutores portugueses que fossem capazes de traduzir diretamente do russo. E, claro, disse-lhes que eu era capaz. De facto, quando tinha vinte e poucos anos comecei a folhear alguma gramática e a manobrar dicionários russos, mas tive rapidamente de aprender para dar uma resposta à editora. (Cerdá, s.d.).

Além disso, não se encontra informação de que o tradutor tenha estado na China ou que tenha aprendido chinês. Considerando o seu método de traduzir o russo e a sua experiência de vida, convém perguntar se Seabra conseguiu realmente traduzir diretamente do chinês e como foi o seu processo tradutório (por exemplo, foi a partir de dicionários bilíngues?). Quanto a *Divórcio*, este não indica a língua de partida, mas o tradutor tenta expor o conhecimento sobre a língua e cultura chinesas no prefácio e nas notas de rodapé. Por exemplo, oferece mais de 20 notas do tradutor para esclarecer eventos e personalidades históricos, expressões idiomáticas, crenças populares, etc.

Depois encontram-se seis tradutores com poucas informações. José Manuel Calafate (?-?), tradutor de *A verdadeira história de Ah Q* (1960), verte sobretudo do italiano para português. De Maria Luísa Pinheiro (1938-), tradutora dos *Contistas da China popular* (1972), só temos a data do nascimento na base de dados ILP. O

tradutor de *Contos populares chineses (6.ª série)* (1975), Daniel Augusto Gonçalves (1921-1995), foi bastante prolífico, com cerca de 50 registos na ILP. O Grupo Cultural Lu Sin, nome indicado como o tradutor n'A *filosofia e a arte ao serviço da revolução* (1975), terá sido provavelmente uma parte do "groupe Luxun" criado por Michelle Loi na Université de Paris VIII no meio dos anos 70. Sendo um grupo, em vez de um tradutor, o nome já manifesta uma vontade coletivista. O nome de Maria da Graça Morais Sarmiento (?-?), tradutora de *Diário de um louco* (1976), talvez se soletre também como "Maria da Graça Moraes Sarmiento". Estes dois nomes, enquanto tradutores, têm cerca de 80 registos no catálogo da BNP. A sua publicação de tradução mais recente foi em 2011.

A tradutora de *Ah Q: tragédia chinesa baseada em Lu Sun* (1976), Luísa Neto Jorge (1939-1989) é poetisa e escritora conhecida em Portugal. Este ano foi publicada a sua antologia, *Poesia* (2023). Enquanto tradutora, verteu, sobretudo de francês para português, cerca de 60 livros. Conforme afirma o poeta Gastão Cruz, amigo de Jorge, esta foi "politicamente muito empenhada" e manteve, nos anos 60, uma "estreita ligação com a actividade clandestina do Partido Comunista" (Cruz, 2008). Algumas das suas traduções também sugerem que tinha interesse na China e no comunismo: *O outono em Pequim* (1976) e *Os proletas* (1978).

Yao (2015, p. 166) fornece uma pequena apresentação de Gil de Carvalho (?-), tradutor de *Uma antologia de poesia chinesa* (1998/2010). De acordo com Yao (2015, p. 166), Carvalho esteve em Pequim e sabe um pouco de chinês moderno; configura-se como "poeta académico" que manifesta um profundo conhecimento sobre os caracteres e poesia chineses no prefácio e, na tradução, procura manter as características originais, tais como a "linguagem concisa" e os "*topoi* vastos". Carvalho admite que, na tradução, utilizou traduções de outras línguas ocidentais como referências, enquanto tentou utilizar a versão chinesa o mais possível, com o objetivo de "fazer para um certo poema chinês um outro mais ou menos capaz ou «fidedigno» em português" (Carvalho, 2010, p. 10).

Ervas silvestres (1998) conta com dois tradutores, Sun Lin (?-) e Luís G. Cabral (?-). Conforme diz Zhou (2021, p. 189), Sun Lin, ou Sun Lam, foi diretora do Instituto Confúcio da Universidade do Minho e coordenou o curso de licenciatura em Estudos Orientais, bem como professora de língua e cultura chinesas. Lam é natural de Pequim e imigrou para Portugal em 1989 graças a uma bolsa de mestrado da Fundação Oriente (PIJ, 2013; Mandim, 2018). Não obstante mais de trinta anos de vivência em Portugal, continua a considerar-se como "confucionista, na cultura e nos valores morais" (Mandim, 2018). Luís Cabral (1950-), bisneto de Eça

de Queiroz, é um sinólogo que estudou chinês na Universidade de Tianjin e ensina “Filosofias Orientais”, “Gramática de Chinês” e “Comunicação Intercultural Português/Chinês” na Universidade do Minho (Cabral, 2014, p. apresentação do autor).

2.4 Porquê? Lu Xun literário e ideológico

Porque traduziram Lu Xun? A questão de porquê poderá ser estudada a partir dos elementos ideológicos, económicos, culturais e/ou religiosos (Pięta, 2013, p. 172). No caso da tradução portuguesa de Lu Xun, podemos excluir os motivos económicos e religiosos pelas seguintes razões. Em primeiro lugar, o catálogo mostra que quase todos os volumes são publicados por diferentes editoras, o que implica que estes livros não terão contribuído muito para o interesse económico, que é um motivador importante para a republicação do mesmo livro e do mesmo autor. A única tradução que terá tido sucesso económico seria *Contos populares chineses (6.ª série)*, visto que foi reimpressa pelo menos uma vez. Além disso, as obras de Lu Xun não se configuram como cânones de religião, nem manifestam uma dimensão religiosa a não ser contra superstições. Consequentemente, proponho debruçarmo-nos principalmente sobre as causas culturais e ideológicas.

No que diz respeito à cultura, a maioria dos volumes parece visar dar a conhecer “o melhor escritor da literatura chinesa contemporânea” ao público português. Pois o elogio surge quase em todos os prefácios e introduções: “um dos maiores escritores da China contemporânea” (Gomes, 1944b, p. 190); “fundador da moderna literatura chinesa” (Seabra, 1958, p. 5); “[o] escritor ocupa um lugar fundamental nas letras nacionais [...] O *Diário de um Louco* [...] é considerado o primeiro trabalho da nova literatura chinesa” (Calafate, 1960, p. 6); “[h]ouve um nome que se notabilizou mais que todos os outros que cultivavam o conto [em vernáculo] – o de Lu Xun” (Jenner, 1972a, p. 15); “grande autor chinês da primeira metade deste século (1881, 1936)” (Jourdeuil, 1976, p. 11); “escritor moderno da antiquíssima China [...] embora já clássico” (Landt, 1998, p. 9). Mesmo nos dois volumes mais recentes, que apresentam um poema clássico de Lu Xun, não se deixa de repetir este elogio: “A China moderna e a modernista são ambas de Lu Xun.” (Carvalho, 2010, p. 395); “É talvez o maior escritor chinês do século XX.” (Abreu e José, 2014, p. 312). Esta fama na área literária é indubitável. Já em 1961, o crítico literário anticomunista, C. T. Hsia, afirma que Lu Xun “has also been generally regarded as the greatest modern Chinese writer” (Hsia, 1961/1971a, p. 28).

No entanto, a grandeza na literatura não parece o único factor que traz as letras de Lu Xun na viagem da China para Portugal. Como referido, Gao (2014) argumenta que a receção francesa de Lu Xun nos anos 70 foi motivada pelas razões políticas; Eber (1985) fundamenta esta perspetiva num estudo que abrange a Europa e a América. Isto também se observa em algumas traduções portuguesas, sobretudo nos primeiros dois períodos históricos acima divididos.

Contos chineses, publicado em 1944, antes do estabelecimento da República Popular da China, não parece uma tradução motivada pela posição de esquerda. A coletânea preconiza as obras de Pu Songling (1640-1715), escritor conhecido pelos seus contos populares e tradicionais de fantasmas, e a tradutora-prefaciadora até traduziu e publicou uma biografia de Chiang Kai-shek, líder do Kuomintang, então inimigo do Partido Comunista da China.

No entanto, a situação mudou nos anos 50, 60 e 70. Em *Divórcio*, o tradutor-prefaciador Seabra enfatiza várias vezes o papel sociopolítico de Lu Xun: “[I]nterpretando com fidelidade as ânsias do período convulsivo da dinastia Manchu e dos primeiros anos da República”; “relevante papel desempenhado por este escritor no despertar de uma China havia séculos impenetrável e resistente à civilização técnica moderna.” (Seabra, 1958, p. 5). Depois, o prefaciador cita uma crítica não identificada para dizer que Lu Xun é considerado como “o Gorki e o Voltaire da China” (ibid., p. 7). Esta comparação de Lu Xun com Gorki, na verdade, alinha com as escritas populares sobre Lu Xun nos países socialistas. Conforme diz Eber (1985, p. 250), entre estas obras influenciadas pela ideologia soviética, o escritor chinês é “referred to as the Chinese Gorki”. Ao longo deste prefácio, Seabra realça também a relação entre o estilo realista de Lu Xun e as revoluções chinesas: “O grande mérito de Lu Xun é a profunda realidade plástica das suas personagens, modeladas sobre um tipo essencialmente chinês, o chinês dos alvares da República, das convulsões e lutas sociais que agitaram o solo da sua pátria.” (Seabra, 1958, pp. 7-8).

Esta ênfase no realismo também aparece em *A verdadeira história de Ah Q*: “*A Verdadeira História de Ah Q*, sua obra-prima, está para as letras da sua pátria como *O Capote*, de Gogol, para as da Rússia: é o padrão definitivo dum novo realismo.” (Calafate, 1960, p. 6). Qual é este “novo realismo”? Não fica muito claro. *O Capote* de Nikolai Gógol (1809-1852) foi publicado em 1842, mais de cem anos antes da publicação de *A verdadeira história de Ah Q*. Na altura em que Calafate escreve esta apresentação de Lu Xun, o “padrão definitivo” do realismo da União

Soviética era o socialista. Deste modo, o termo “novo realismo” pode provocar a ligação para o realismo socialista.¹⁶

Em *Contistas da China popular*, publicado depois da Primavera Marcelista, numa sociedade ligeiramente mais atrevida, a preferência pelos autores de esquerda manifesta-se muito claramente. O seu texto de partida, *Modern Chinese Stories* (1970) do sinólogo inglês, W. J. F. Jenner (1940-), foi ironizado por Hsia (1971b, p. x) como uma antologia que tem “enough Communist stories to satisfy his [the general reader’s] curiosity”. Na verdade, a seleção desta versão inglesa inclui somente os autores de esquerda. A tradução portuguesa é uma seleção de oito contos e seis autores entre os 20 contos e 18 autores escolhidos na tradução inglesa por Jenner. Para Jenner (1972a, p. 9), todos os escritores modernos não oferecem elementos originais da literatura para os estrangeiros, exceto Lu Xun. Por isso, Lu Xun tem três obras incluídas na versão inglesa e duas na versão portuguesa, mais do que todos os outros autores incluídos. Deste modo, podemos dizer que a inclusão de Lu Xun em ambas as versões resulta de uma mistura entre a causa ideológica e a apreciação literária pelo escritor.

Após o Estado Novo, o fator ideológico torna-se muito mais evidente nas traduções. A seleção d’*A filosofia e a arte ao serviço da revolução* demonstra claramente uma inclinação comunista. Entre os textos selecionados, encontram-se obras de outros autores comunistas e um texto de Lu Xun que discute a Liga dos Escritores de Esquerda na China. Por exemplo, o discurso do político soviético, Andrei Jdanov (1896-1948), sobre por que o realismo socialista deve ser a única literatura soviética: “[Q]ueremos libertar os trabalhadores e todos os homens do jugo da escravatura capitalista.” (Jdanov, 1975, p. 97). Ademais, como referido, a então maoísta Michelle Loi e o seu “groupe Luxun” terão sido apoiantes deste volume português.

A influência de Mao também é evidente nos outros dois volumes portugueses publicados entre 1975 e 1976. Na introdução dos *Contos populares chineses* (6.ª série), o tradutor Gonçalves trata Lu Xun como “grande escritor e *dirigente da revolução cultural chinesa*” (Gonçalves, 1975, p. 5; *italico meu*). Esta qualidade

¹⁶ O realismo socialista é um género literário criado e preconizado na época da União Soviética para a divulgação da revolução comunista e o tributo ao povo revolucionário. Maxim Gorki (1868-1936), autor comparado com Lu Xun por Manuel de Seabra em *Divórcio*, contribuiu para estabelecer esse género literário. Conforme diz Hingley (2022), o realismo socialista “was imposed on all Soviet writers and which obliged them – in effect – to become outright political propagandists”.

atribuída alinha-se com o discurso de Mao: “Lu Xun é o comandante-em-chefe desta *revolução cultural chinesa* [...]” (Mao, 1991, p. 696; itálico meu).¹⁷ Em *Ah Q: tragédia chinesa baseada em Lu Sun*, Jourdheuil cita diretamente Mao para elogiar Lu Xun: “Mao Tsé-Tung vê nele, e com certeza com razão, um precursor [sic.] da revolução cultural.” (Jourdheuil, 1976, p. 11). Os elogios acríticos dos prefaciadores provavelmente resultam da crença pessoal no maóismo.

Em 1998, cerca de vinte anos depois do falecimento de Mao e da Reforma e Abertura da China, e quase dez anos após a dissolução da União Soviética, Lu Xun já fora desligado deste líder ideológico. O prefaciador sinólogo de *Ervas silvestres*, Frank Landt, na sua detalhada biografia de 16 páginas de Lu Xun, só esboça uma curta descrição sobre a preferência de Mao pelo autor:

Mao Zedong gostava muito de citar as obras de Lu Xun, poemas, ensaios ou histórias, e o seu fotógrafo pessoal com frequência divulgava a imagem do líder chinês, debruçado sobre a sua secretária, a escrever, com uma edição das *Obras Completas de Lu Xun* a seu lado, sobre a mesa. (Landt, 1998, p. 25)

Esta anedota, comparada com os discursos referidos noutras traduções, já parece ter pouca consideração política. Publicada em 2010, *Uma antologia de poesia* não inclui qualquer menção política na apresentação de Lu Xun. Uma semelhante situação acontece em *Quinhentos poemas chineses*; os editores sinólogos, António Graça de Abreu e Carlos Morais José, até defendem a neutralidade da literatura do autor: “Membro da Liga dos Escritores de Esquerda, próximo das ideias socialistas de então, mas independente e livre, Lu Xun nos seus escritos sugestiona, cativa e quase fere o leitor.” (Abreu e José, 2014, p. 312).¹⁸

¹⁷ O discurso de Mao (1991) teve lugar em 1940. A “revolução cultural chinesa” aqui não se pode, por isso, referir àquela que aconteceu entre 1966 e 1976, mas ao 五四運動 Movimento Quatro de Maio. A frase de Gonçalves (1975), de facto, parece mais ambígua, pois foi escrita em 1975 e, assim, pode referir-se à 文化大革命 Revolução Cultural Chinesa. Porém, a afinidade entre os discursos é evidente.

¹⁸ Importa salientar que, na versão brasileira de contos completos de Lu Xun, *O diário de um louco: contos completos de Lu Xun*, publicada em 2022, a posfaciadora utilizou várias páginas para delinear como o escritor foi utilizado por Mao e conclui que a desvinculação dos dois resultou nos estudos “saudáveis” de Lu Xun (Ho, 2022, posfácio).

Considerações finais

No presente trabalho, compila-se um catálogo que mostra 11 traduções portuguesas com obras de Lu Xun e os respetivos dados, tais como os anos de publicação, tradutores, editoras, obras incluídas em coletâneas, entre outros. Com base nestes dados catalogados, tento criar uma história de Lu Xun traduzido em Portugal à volta de quatro perguntas principais: quem traduziu o quê, quando e porquê. Três períodos históricos são distinguidos para categorizar os 11 volumes. Estas obras são sobretudo coletâneas de contos, que partilham muitos textos de partida em comum; porém, nas publicações mais recentes, os textos mais selecionados são prosas poéticas. Depois, são apresentados os tradutores, entre os quais alguns manifestam um certo conhecimento sobre a cultura chinesa. No final, argumento que o valor literário de Lu Xun é reconhecido em todos os períodos e se configura como uma causa fundamental para as traduções; porém, as ideologias, nomeadamente o maoísmo, também constituem um grande fator motivador de traduções entre 1958 e 1976.

A compilação do catálogo tende a ser o mais exaustiva possível, dentro das limitações objetivas (como dificuldades de fazer a história da tradução) e subjetivas (como tempo e conhecimento da minha parte). Por isso, a completude do catálogo de Lu Xun traduzido para Portugal permanece uma questão aberta que convida mais respostas. A construção da história na segunda secção é dificultada pela falta de dados sólidos sobre outros autores chineses traduzidos. O estudo da literatura chinesa traduzida para Portugal necessita de mais estatísticas que possam fornecer provas a especulações, hipóteses ou afirmações.

Ficam por esclarecer muitas questões em relação a essa história da tradução portuguesa de Lu Xun. O catálogo e o esboço de vários aspetos acima elaborado poderão servir como uma base para o início de estudos mais profundos para cada uma obra, época ou tradutor. Ademais, são sugeridas algumas direções intrigantes para aprofundar os dados, como o fenómeno de retradução, os temas traduzidos, o contexto sociocultural de Portugal.

Espera-se que este contributo à história da tradução de Lu Xun mostre dois pontos. Primeiro, os trabalhos arqueológicos são importantes para a construção de uma história da tradução, visto que os dados sugerem, provam ou refutam propostas. Segundo, a tradução é um fenómeno cultural complexo, pois vários fatores – como o valor literário, a ideologia, os acontecimentos históricos e a rede global – misturam-se para (des)motivar a tradução, nomeadamente a de Lu Xun,

um escritor tão importante nas discussões sobre a literatura, cultura, política e ideologia.

Referências bibliográficas

- Abreu, A. G., & José, C. M. (coord.). (2014). *Quinhentos poemas chineses*. Lisboa: Nova Vega.
- Berman, A. (1990). La retraduction comme espace de la traduction. *Palimpsestes*, 4, 1-8.
- Cabral, L. (2014). *China vista por um sinólogo português*. Vila Nova de Famalicão: Húmus.
- Calafate, J. M. (1960). Lu Hsun. In Lu, H. *A verdadeira história de Ah Q* (J. M. Calafate, trad.) (p. 6). Lisboa: Portugália.
- Carvalho, G. (2010). *Uma antologia de poesia chinesa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- CECC e CEAUL/ULICES (2010). *Intercultural Literature in Portugal 1930–2000: A Critical Bibliography*. Última atualização em 2023. Último acesso: 21 de setembro de 2023. <http://www.translatedliteratureportugal.org>
- Cheng, G. (2020). *A tradução indireta de literatura chinesa contemporânea para português europeu: o caso de Mo Yan* (Tese de doutoramento). Universidade Católica Portuguesa, Universidade NOVA de Lisboa e Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Cerdá, J. (s. d.). Manuel de Seabra e a esperança no homem. *Soroeste*. Retirado de <https://ortegamunoz.com/suroeste/ensayo/entrevista-a-manuel-de-seabra-por-jordi-cerda/>
- Cruz, G. (2008). Memória de um tempo e de Luiza Neto Jorge. In Jorge, L. N., *Corpo insurrecto e outros poemas* (Org. de F. Martin). São Paulo: Escrituras Editora. Retirado de <http://www.jornaldepoesia.jor.br/BLBLluizanetojorge01.htm>
- Taxa de analfabetismo segundo os Censos: total e por sexo. (6 de abril de 2023) Retirado de <https://www.pordata.pt/portugal/taxa+de+analfabetismo+segundo+os+censos+total+e+por+sexo-2517>.
- Eber, I. (1985). The Reception of Lu Xun In Europe and America: The Politics of Popularization and Scholarship. In Leo Ou-fan Lee (Ed.), *Lu Xun and His Legacy* (pp. 242-273). California: University of California Press.
- Even-Zohar, I. (1979). Polysystem Theory. *Poetics Today*, 1(1/2), 287–310. <https://doi.org/10.2307/1772051>
- Giddens, A. G. (1990). *The Consequences of Modernity*. Cambridge: Polity Press.
- Gao, F. (2014). Idéologie et traduction: la réception des traductions de Lu Xun en France. *Meta*, 59(1), 47–71. <https://doi.org/10.7202/1026470ar>
- Genette, G. (1987). *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil.
- Gomes, S. T. (1944a). Prefácio. In *Contos chineses* (S. de T. Gomes, trad.) (pp. 7-17). Lisboa: Gleba.
- Gomes, S. T. (1944b). Lu Hsun. In *Contos chineses* (S. de T. Gomes, trad.) (p. 190). Lisboa: Gleba.
- Gomes, S. T. (1945). [Sem título]. In *Contos tradicionais asiáticos* (S. de T. Gomes, trad.) (p. 124). Lisboa: Gleba.

- Gonçalves, D. A. (1975). Introdução. In Lu H., *Contos populares chineses (6.ª série)* (D. A. Gonçalves, trad.) (pp. 5-7). Lisboa: Futura.
- Hermans, T. (2022). *Translation and History: A Textbook*. Nova Iorque: Routledge.
- Hingley, R. F. (2022). Maxim Gorky. In *Encyclopedia Britannica*, Julho 14, 2022. <https://www.britannica.com/biography/Maxim-Gorky>.
- Ho, Y. C. (2022). Lu Xun: o santo e o literato. In Lu, X., *O diário de um louco: contos completos de Lu Xun* (B. Henriques et al, trad.) [Livro eletrónico]. São Paulo: Carambaia.
- Hsia, C. T. (1971a). *A History of Modern Chinese Fiction*. Londres: Yale University Press. (Obra original publicada em 1961)
- Hsia, C. T. (1971b). *Twentieth-Century Chinese Stories*. Londres: Columbia University Press.
- Jdanov, A. (1975). Sobre a literatura (Grupo Cultural Lu Sin, trad.). In Lu, S. et al, *A filosofia e a arte ao serviço da revolução* (Grupo Cultural Lu Sin, trad.) (91-129). Lisboa: Maria da Fonte.
- Jenner, W. J. F. (1972a). Introdução (M. L. Pinheiro, trad.). In Lu X. et al, *Contistas da China Popular* (M. L. Pinheiro, trad.) (pp. 9-20). Lisboa: Dom Quixote.
- Jenner, W. J. F. (1972b). Lu Xun [Lu Hsün] (M. L. Pinheiro, trad.). In Lu X. et al, *Contistas da China Popular* (M. L. Pinheiro, trad.) (pp. 21-25). Lisboa: Dom Quixote.
- Jourdheuil, J. (1976). Prefácio: II (L. N. Jorge, trad.). In B. Chartreux e J. Jourdeuil, *Ah Q: Tragédia chinesa baseada em Lu Sun* (L. N. Jorge, trad.) (pp. 11-16). Lisboa: Ulmeiro.
- Landt, F. (1998). Prefácio. In Lu X., *Ervas Silvestres* (S. Lin e L. G. Cabral, trad.) (pp. 9-25). Lisboa: Cotovia.
- Lefevere, A. (2017). *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*. Nova Iorque: Routledge. (Obra original publicada em 1992)
- Lopes, M. A. A. (2010). *Poéticas da imperfeição. Autores e tradutores na primeira metade de oitocentos: Walter Scott e A. J. Ramalho e Sousa* (Tese de doutoramento). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa.
- Lu. X. (2005). 《鲁迅全集(第六卷)》*Obras completas de Lu Xun (Vol. 6)*. Pequim: People's Publishing House.
- (2022). *O Diário de um Louco: Contos Completos de Lu Xun* (B. Henriques et al, trad.) [Livro eletrónico]. São Paulo: Carambaia.
- Mandim, D. (2 de dezembro de 2018). Eles já não são apenas chineses. Sentem-se portugueses e adoram. *Diário de Notícias*. Retirado de <https://www.dn.pt/edicao-do-dia/02-dez-2018/eles-ja-nao-sao-apenas-chineses-sentem-se-portugueses-e-adoram-10264721.html>
- Mao, T. T. (1991). 《毛泽东选集(第二卷)》*Obras de Mao Tsé-Tung (Vol. 2)*. Pequim: People's Publishing House. Retirado de <https://ebook.theorychina.org.cn/ebook/upload/storage/files/2022/07/26/ce338174299cae528b65e87a9ba78a5164510/mobile/index.html>
- (2001). 《毛泽东文集(第二卷)》*Obras de Mao Tsé-Tung (Vol. 2)*. Pequim: People's Publishing House.
- Ricoeur, P. (2006). *On Translation* (E. Brennan, trad.). Nova Iorque: Routledge.

- Pięta, H. (2013). *Entre periferias: contributo para a história externa da tradução da literatura polaca em Portugal* (Tese de doutoramento). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- PIJ, P. E. (10 de junho de 2013) *Sun Lam* [Vídeo]. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=HWkYeptQPm4>
- Pym, A. (2014). *Method in Translation History*. Nova Iorque: Routledge. (Obra original publicada em 1998)
- Sanders, J. (2006). *Adaptation and Appropriation*. Nova Iorque: Routledge.
- Seabra, M. (1958). Prefácio. In Lu, X., *Divórcio* (M. de Seabra, trad.) (pp. 5-10). Lisboa: Clube Bibliográfico Editex.
- Seabra, M. (1967a). Prefácio. In Mao, T., *Mao Tun* (M. de Seabra, trad.) (pp. 7-14). Coimbra: Atlântida.
- Seabra, M. (1967b). Todos os contos. In Mao, T., *Mao Tun* (M. de Seabra, trad.) (p. 276). Coimbra: Atlântida.
- Seabra, M. (1972). Folha de rosto. In Mao, T. T., *Poemas* (M. de Seabra, trad.). Lisboa: Editorial Futura.
- Seruya, T. (2018). *Misérias e esplendores da tradução no Portugal do Estado Novo*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Silva, F. R. (1992). História da alfabetização em Portugal: fontes, métodos, resultados. *Encontros ibéricos de história da educação*, vol. 1º Encontro, 1992, pp. 101-121.
- Toury, G. (2012). *Descriptive Translation Studies – and beyond*. Amsterdão: John Benjamins.
- Yao, F. (2015).《中外文学交流史：中国-葡萄牙卷》*História de intercâmbios literários entre a China e países estrangeiros: volume da China e de Portugal*. Jinan: Shandong Education Press.
- Yao, J. M. (2021). Traduzindo a China literária. *Rotas a Oriente*, 1, 199-213.
- Zhou, C. (2021). Lu Xun: utilidade e viabilidade do seu estudo em Portugal. *Rotas a Oriente*, 1, 187-198.

Apêndice I – Catálogo de Lu Xun traduzido em Portugal (1)

Ano	Título	Tradutor	Local	Editora	Colecção	Autor	Consulta
1944 [Pb]	Contos chineses	Gomes, Silvina de Troya (?-?)	Lisboa	Editorial Gleba Lda	Contos e novelas, 012	Lu, Hsun	BNP (L. 13652 P.)
1958	Divórcio	Seabra, Manuel de (1932-2017)	Lisboa	Clube Bibliográfico Editex	--	Lu, Sin	BNP (L. 48685 P.)
1960 [ILP]	A verdadeira história de Ah Q	Cala-fate, José Manuel (?-?)	Lisboa	Portugália	O livro de bolso, 14	Lu, Hsun	Biblioteca da FLUL (FL-UFL214938)

Ano	Título	Tradutor	Local	Editora	Colecção	Autor	Consulta
1972	Contistas da China popular	Pinheiro, Maria Luísa (1938-)	Lisboa	Dom Quixote	Caláxia, 5	Lu Xun	Biblioteca Universitária João Paulo II (CRL934327)
1975 [imp.]	Contos populares chineses (6.ª série)	Gonçalves, Daniel Augusto (1921-1995)	Lisboa	Editorial Futura	--	Lu, Hsun	BNP (C.G. 10948 V.); Biblioteca da FLUL (FL-ULFL076127)
1975	A filosofia e a arte ao serviço da revolução	Grupo Cultural Lu Sin (?-?)	Lisboa	Maria da Fonte	Cultura Popular, 1	Lu, Sin	BNP (S.A. 46293 V.)
1976	Diário de um louco	Maria da Graça Morais Sarmento (?-?)	Lisboa	Iniciativas Editoriais	Colecção real-imaginário	Lu, Sun	BNP (L. 24269 V.)
1976 [imp.]	Ah Q: tragédia chinesa baseada em Lu Sun	Jorge, Luísa Neto (1939-1989)	Lisboa	Ulmeiro	Teatro Ulmeiro, 1	Lu, Sun	BNP (L. 70734 P.)
1998 [imp.]	Ervas silvestres	Lin, Sun (?-?) e Luís G. Cabral (1950-)	Lisboa	Cotovia	Série oriental	Lu, Xun	BNP (L. 59735 V.)
2010	Uma antologia de poesia chinesa	Gil de Carvalho (?-?)	Lisboa	Assírio & Alvim	Assíria, 3	Lu, Xun	BNP (L. 110886 V.)
2014	Quinhentos poemas chineses	Lin, Sun (?-?) e Luís Cabral (1950-); Gil de Carvalho	Lisboa	Vega	--	Lu, Xun	BNP (L. 127694 V.)

Apêndice II – Catálogo de Lu Xun traduzido em Portugal (2)

Títulos	Seleção	Observações
Contos chineses (1944)	1. O ventre de Nuwa (補天)	Seleção da tradutora. Prefácio de “S. T. G.”. Dedicatória a Lou Che Ngan, embaixador da China em Portugal, que colaborou no volume. Com mais doze contos (nove de Pu Songling e três ainda não identificados). Com a introdução sobre o autor.

Títulos	Seleção	Observações
Divórcio (1958)	1. Divórcio (離婚); 2. Amanhã (明天); 3. História de cabelos (頭髮的故事); 4. Luto pelo passado (傷逝——涓生的手記); 5. Medicamento (藥); 6. O homem solitário (孤獨者); 7. Terra natal (故鄉).	Prefácio biográfico da autoria do tradutor sobre o autor.
A verdadeira história de ah Q (1960)	1. A verdadeira história de Ah Q (阿Q正傳); 2. Diário dum louco (狂人日記); 3. Forjando a espada (鑄劍); 4. Velha casa (故鄉); 5. Prefácio de Lu Hsun à primeira colectânea de contos: «As Armas!» (吶喊自序).	Tradução indireta da versão italiana, <i>La vera storia di Ah Q e Altri Racconti</i> (1955), traduzida por Luciano Bianciardi. Com a introdução sobre o autor.
Contistas da China popular (1972)	1. A minha antiga casa (故鄉); 2. O sacrifício do ano novo (祝福)	Tradução da versão inglesa, <i>Modern Chinese Story</i> (1970), traduzida por W. J. F. Jenner e Gladys Yang. Introdução de "W. J. F. J.". Com mais seis contos de cinco autores (Mao Dun, Lao She, Gao Langting [高朗亭], Sun Li e Tang Gengliang [唐耿良]).
Contos populares chineses (6.ª série) (1975)	1. Contos populares recontados por Lu Hsun (故事新編)	Com uma introdução. Na introdução a colectânea de contos de Lu Xun chama-se "Contos de Antigamente".
A filosofia e a arte ao serviço da revolução (1975)	1. Opinião sobre a liga dos escritores de esquerda (對於左翼作家聯盟的意見); 2. Da oportunidade de não fazer «Fair Play» (論「費厄潑賴」應該緩行).	Com mais cinco ensaios de quatro autores (Michelle Loi, Alfredo Uçı, Zhou Jianren e Andrei Jdanov). A colecção é dirigida por Manuel Quirós (1939-1975). A editora é Maria Isabel Pinto Ventura (?-?).
Diário de um louco (1976)	1. Prefácio (吶喊自序); 2. O diário de um louco (狂人日記); 3. Kon Yi-Chi (孔乙己); 4. Amanhã (明天); 5. Um pequeno incidente (一件小事); 6. Tempestade numa chávena de chá (風波); 7. O meu velho lugar (故鄉); 8. O teatro dos deuses (社戲); 9. O misantropo (孤獨者); 10. Nostalgia do passado – Manuscrito de Chuan-sheng (傷逝——涓生的手記); 11. O divórcio (離婚); 12. A espada azul (鑄劍); 13. O remédio (藥)	Seleção da tradutora.
Ah Q: Tragédia chinesa baseada em Lu Sun (1976)	1. Ah Q: Tragédia chinesa baseada em Lu Sun (阿Q正傳)	Tradução da adaptação francesa ao teatro, <i>Ah Q (Ah Kiou): tragédie chinoise d'après Lou Sin</i> (1975), de Bernard Chartreux (1942-) e Jean Jourdeuil (1944-). Prefácio dos dois tradutores franceses. Com a introdução sobre o autor.
Ervas silvestres (1998)	1. Diário de um louco (狂人日記); 2. Era uma vez Q (阿Q正傳); 3. Ervas silvestres (野草)	Prefácio de Frank Landt (?-?), sinólogo.

Títulos	Seleção	Observações
Uma antologia de poesia chinesa (2010)	1. [Sem título] ([萬家墨面沒蒿萊])	Dois prefácios e notas sobre poemas e poetas do tradutor.
Quinhentos poemas chineses (2014)	1. Mal de amores (我的失戀); 2. [Sem título] ([萬家墨面沒蒿萊])	Coordenação de António Graça de Abreu e Carlos Morais José. Duas introduções dos coordenadores. Com a introdução sobre o autor. Antologia com numerosos autores e tradutores. Os dois poemas são inicialmente publicados em <i>Ervas silvestres</i> e em <i>Uma antologia de poesia chinesa</i> , respetivamente.

Apêndice III – Catálogos consultados para traduções portuguesas de Lu Xun

Catálogo consultado	Obras elegíveis	Link
Base Nacional de Dados Bibliográficos (PORBASE)	1. Contistas da China popular 2. <A> verdadeira história de AHQ (1922) 3. Divórcio (1958) 4. A filosofia e a arte ao serviço da revolução (1975) 5. Diário de um louco (1976) 6. Ervas silvestres (1998)	https://porbase.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=
Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)	1. Divórcio (1959) 2. Contos populares chineses (1975) 3. A filosofia e a arte ao serviço da revolução (1975) 4. Diário de um louco (1976) 5. Ervas silvestres (1998)	https://www.bnportugal.gov.pt/
Rede das Bibliotecas de Lisboa (BLX)	1. Divórcio (1958) 2. Contistas da China popular (1972) 3. Contos populares chineses (1975) 4. Diário de um louco (1976) 5. Ah Q: tragédia chinesa baseada em Lu Sun (1976) 6. Ervas silvestres (1998)	https://catalogolx.cm-lisboa.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=
Bibliotecas Municipais do Porto	1. Divórcio (1958) 2. Contistas da China popular (1970) 3. Contos populares chineses: 6a série (1975) 4. A filosofia e a arte ao serviço da revolução (1975) 5. Diário de um louco (1976) 6. Ervas silvestres (1997)	http://bibliotecas.cm-porto.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1696F49053521.83352&profile=bmp&menu=home&ts=1696149711728
Bibliotecas Municipais do Baixo Alentejo	1. Divórcio (s. d.) 2. A verdadeira história de Ah Q (19--?) 3. Contistas da China Popular (1970) 4. Ervas Silvestres (1997)	https://bibliotecasbaixoalentejo.pt/Catalogo/winlib.aspx
Arquivo e Biblioteca da Madeira	1. A filosofia e a arte ao serviço da revolução (s.d.) 2. Contistas da China popular (1972) 3. Ah q tragédia chinesa baseada em lu sun (1976) 4. Diário de um louco (1976) 5. Ervas silvestres (1998)	https://biblioteca-abm.madeira.gov.pt/Search.aspx

Catálogo consultado	Obras elegíveis	Link
Catálogo Coletivo das Bibliotecas das Instituições de investigação e Ensino Superior de Portugal	<ol style="list-style-type: none"> 1. Divórcio (1958) 2. A filosofia e a arte ao serviço da revolução (1975) 3. Diário de um louco (1976) 4. Ervas silvestres (1998) 	https://bibliotecacomum.pt/catalogo/
Bibliotecas da Universidade Católica Portuguesa	<ol style="list-style-type: none"> 1. Contistas da China popular (1972) 2. Ervas silvestres (1997) 	https://catalogo.bibliotecas.ucp.pt/cgi-bin/koha/opac-main.pl
Bibliotecas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa	<ol style="list-style-type: none"> 1. A verdadeira história de AH Q (192-?) 2. Divórcio (1959) 3. Contos populares chineses (1974) 4. A filosofia e a arte ao serviço da revolução (1975) 5. Diário de um louco (1976) 6. Ervas silvestres (1998) 	https://catalogo-fl.biblioteca.ulisboa.pt/